



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14251 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT08 - Formação de Professores

FORMAÇÃO CONTINUADA. A PASSAGEM DA EXPERIÊNCIA TEMPORAL HUMANA À CONSCIÊNCIA E EXISTÊNCIA HISTÓRICA

Gilvete Lima Gabriel - UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA

Charlilton José dos Santos Machado - UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Introdução

Nesta narrativa autobiográfica, tenho como objetivo refletir sobre minha formação continuada formativa e performativa com destaque para a identidade narrativa docente. As inferências foram realizadas a partir das análises, reflexões e interpretações de sucessivas renarrações autobiográficas realizadas desde a adolescência quando cursava o antigo magistério, depois na graduação em Pedagogia, no mestrado em Educação, no doutorado em educação, no pós-doutorado em Educação e no pós-doutorado em Sociologia. O referencial teórico e metodológico toma como base a abordagem (auto)biográfica (Pineau, 1988; Nóvoa, 1988, Josso, 2004; Passegi, 2008) com foco na narrativa autobiográfica de formação e a hermenêutica de Paul Ricoeur (1994, 1997, 2002a, 2002b, 2006).

Da ação ao texto – a configuração da identidade narrativa docente

Este trabalho está organizado em três eixos que configuram a anterioridade, o processo e o depois de minhas reflexões educacionais com base na Mimese da formação continuada. Na anterioridade, narro minha formação e atuação docente até a realização do doutorado em Educação. No processo, remeto a narrativa às reflexões em torno da construção da Mimese da formação continuada e, no depois, a narrativa abrange todas as minhas ações educativas e formação após a conclusão do doutorado em Educação.

Para estruturar minhas reflexões em relação à constituição da identidade narrativa docente, tomo como referência as reflexões de Bauman (2005) e Dubar (2005).

Para Dubar, sem a identidade não há vida:

[...] a identidade de uma pessoa é o que ela tem de mais valioso: a perda de identidade é sinônimo de alienação, sofrimento, angústia e morte. Ora, a identidade humana não é dada, de uma vez por todas, no nascimento: ela é construída na infância e, a partir de então, deve ser reconstruída no decorrer da vida. O indivíduo jamais a constrói sozinho: ele depende tanto dos juízos dos outros quanto de suas próprias orientações e autodefinições. A identidade é produto de sucessivas socializações (DUBAR, 2005, p. xxv).

Essa assertiva de Dubar tem como ponto de culminância os estudos de Bauman sobre identidade. Esse último autor afirma:

[...] Tornamo-nos conscientes de que o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. Em outras palavras, a ideia de “ter uma identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento” continuar sendo seu destino, uma condição sem alternativa. Só começarão a ter essa ideia na forma de uma tarefa a ser realizada, e realizada vezes e vezes sem conta, e não de uma só tacada (BAUMAN, 2005, p. 17-18).

Dessa forma, a construção da identidade não se limita ao grupo-referência familiar. Segundo os autores, é a reconstrução dessa identidade que tem origem no grupo familiar que permitirá ao sujeito ir forjando sua identidade narrativa por meio de “sucessivas socializações” em grupos-referência.

Os grupos-referência são os grupos a que pertencemos desde a mais tenra idade, como a família, a escola, a comunidade, a igreja, dentre outros. Esses grupos estruturam nossa forma de ser, de pensar e de agir e são referências em nossas vidas para as múltiplas situações com que deparamos no contexto social. Quando estamos diante de um problema, acionamos um dos referentes que possuímos e tomamos decisões fundadas, naturalmente, em um dos referentes dos grupos de pertença a que estamos afiliados. Segundo Ricoeur,

Toda referência é correferência, referência dialógica ou dialogal. [...] O que um leitor recebe é não somente o sentido da obra mas, por meio de seu sentido, sua referência, ou seja, a experiência que ela faz chegar à linguagem e, em última análise, o mundo e sua temporalidade, que ela exhibe diante de si (RICOEUR, 1994, p. 120).

[...] O papel da hermenêutica é acompanhar a atividade estruturante que parte do pleno da vida, investe-se no texto e, graças à leitura privada e à recepção pública, retorna à vida. Uma estética da recepção é incapaz de tratar exclusivamente do problema da comunicação, sem englobar o da referência (RICOEUR, 2006, p. 129).

A formação continuada apresenta duas características que se complementam: as formativas e as performativas. Ao consultar o significado dessas palavras no Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, a palavra “performativo” diz-se de um enunciado que se dá ao mesmo tempo em que a ação por ele apresentada; palavra e ato coincidem. Já a palavra “formativo” significa “o que dá forma”. Portanto, as características formativas da ação docente são referentes aos processos de aprendizagem formais que ocorrem em instituições, com certificação correspondente a cada nível de ensino. Esses processos de aprendizagem formais são os preconizados na legislação educacional (Constituição, 1988, Art 208 (BRASIL, 1988); LDB n. 9394/96 (BRASIL, 1996)), referentes ao “dever do Estado com a educação” (BRASIL, 1988, p. 138).

A outra característica da formação continuada é a performativa, que diz respeito à concomitância da ação, da atuação educativa com os processos formativos dessa ação. Assim, à medida que o profissional inicia sua prática, ele se forma ao estabelecer um diálogo reflexivo com o contexto de sua ação e ao mobilizar as múltiplas referências ou correferências (RICOEUR, 1994), a fim de compreender a situação-problema que se apresenta. Nesse sentido, à medida que a professora atua como professora, ao mesmo tempo se forma, em um movimento transacional entre “autoformação”, “heteroformação” e “ecoformação” (PINEAU, 1988, 2004), sobretudo no diálogo com seus pares, nos espaços de deliberação, de discussão da prática educativa (NÓVOA, 2002).

Metodologia

O processo de narração e renarração de si foi possibilitado pela Mimese da formação continuada: prefiguração, configuração e refiguração, fundamentada na tríplice mimese de Paul Ricoeur.

A Mimese da formação continuada é um processo formativo e performativo para professores, tanto em situação de formação inicial, quanto em situação de formação continuada, com a intenção de promover a atualização do conhecimento de si mesmos (RICOEUR, 1997), do eu pessoal e profissional, por meio de narrativas autobiográficas. Envolve um movimento pessoal, social, profissional e institucional como também a alternância da formação nos três níveis aludidos por Pineau (1988, 2004): heteroformação, ecoformação e autoformação. Esses processos contribuem conjuntamente para a tomada de consciência do processo de constituição identitária docente e de sua implicação na atuação educativa. Nesse sentido, a Mimese da formação continuada compreende três fases:

1. Na fase da prefiguração, a evocação do eu biográfico é a primeira escrita de si, a qual apresenta a pré-compreensão, o desdobramento do eu, da história de vida que corresponde à primeira versão da escrita narrativa.

2. Na fase de configuração, a narrativa autobiográfica adquire uma forma mais organizada. A renarração do si mesmo, por meio de relatos de experiências bem-sucedidas permite a mediação, a interseção entre o eu fraturado (GIDDENS, 2002) e o eu como devir, ao modelar a experiência. Nessa fase, a experiência bem-sucedida possibilita equilibrar os conflitos suscitados na fase da prefiguração pela tomada de consciência do potencial criativo e inovador que a vida examinada suscita ao fazer a pessoa perceber que aplicou a si mesma as obras da cultura (RICOEUR, 1994, p. 425), que são os valores, princípios e saberes dos grupos-referência na situacionalidade (FREIRE, 2005) e instantaneidade (PINEAU, 2004) dos acontecimentos existenciais ao longo da vida (PINEAU, 2004; ALHEIT e DAUSIEN, 2006).

3. Na fase de refiguração, o movimento de escrita e re-escrita de si ou renarração, possibilita a atualização e o reconhecimento de si mesmo. A fase de refiguração revela a professora com o eu pessoal e o profissional cingidos em um espaço-tempo existencial, à medida que construiu o perfil de si. Para Ricoeur (1994, p. 117-118), “[...] é o ato de ler que acompanha a configuração da narrativa e atualiza sua capacidade de ser seguida [...]” na constituição da identidade pessoal (RICOEUR, 2006), que ao ser “considerada em sua duração, pode ser definida como identidade narrativa [...]” (RICOEUR, 2006, p. 116). Essa fase agrega a segunda versão da narrativa autobiográfica, o relato de experiência bem-sucedida e os depoimentos sobre a repercussão do trabalho biográfico na vida pessoal e profissional.

Análise e discussão de resultados

Giddens em “Modernidade e Identidade”, apresenta-nos a discussão sobre identidade e autoidentidade. A primeira diz respeito à continuidade da construção de si mesmo e a segunda refere-se à reflexão, à interpretação do si na continuidade identitária. O autor ressalta que:

[...] ‘Ser’, para o indivíduo, é ter consciência ontológica. Que não é o mesmo que a consciência da auto-identidade, por mais intimamente que as duas possam estar ligadas na experiência de desenvolvimento da criança [...] (GIDDENS, 2002, p. 50).

[...] A identidade ainda supõe a continuidade no tempo e no espaço: mas a auto-identidade é essa continuidade reflexivamente interpretada pelo agente (GIDDENS, 2002, p. 54).

Com essa compreensão de identidade e autoidentidade, é possível afirmar que a narrativa autobiográfica, no processo de formação continuada, propicia à professora a autoidentidade por meio da reflexão sobre si mesma em um *continuum*, interpretando suas ações e construindo, assim, sua identidade narrativa. Essa diferenciação entre identidade como “consciência ontológica”, e “autoidentidade”, como a criação reflexiva de si mesma, coaduna com as ideias de Freire também, ao nos alertar para a importância da reflexão de si mesmo para atuar criticamente:

Os homens são porque estão em situação [...].

Esta reflexão sobre a situacionalidade é um pensar a própria condição de existir (FREIRE, 2005, p. 118).

As minhas ações refletidas pelo distanciamento que a escrita narrativa exige têm sido de fundamental importância para a minha constituição docente, à medida que tenho a chance de recapitular, ressignificar e projetar minhas ações educativas em um movimento contínuo e instigante em função da escola pública de qualidade. Ricoeur esclarece na obra “A crítica e a convicção” que a função da refiguração consiste em “[...] reestruturar o mundo do leitor, confrontando-o com o mundo da obra [...]”. (RICOEUR, 1997, p. 235-236)

Considerações finais

Quem sou eu? O que eu faço? O que eu sei fazer? Para quem eu faço? Por que eu faço? – são questionamentos com base nos quais o trabalho biográfico pautado na *mimese* de Ricoeur, (1994) – prefiguração, configuração e refiguração – ajudou-me a realizar a passagem da minha experiência temporal humana à consciência e existência histórica por meio da formação continuada formativa e performativa, ou seja, do dizer e do fazer que estão contidos em minha narrativa autobiográfica.

Minha preocupação com a formação continuada sempre esteve presente em meu fazer pedagógico e as várias tentativas de formar um grupo de estudo, a exemplo do vivenciado no Suvag, perpassou toda a minha trajetória. Com essas experiências formadoras do conhecimento de mim mesma, apoio-me em Ricoeur para dizer que, com a renarração de minha vida, “lendo o fim no começo e o começo no fim [aprendi] também a ler o próprio tempo às avessas, como a recapitulação das condições iniciais de um curso de ação nas suas consequências terminais” (1994, p. 106).

Referências

ALHEIT, Peter; DAUSIEN, Betinna. Processo de formação e aprendizagem ao longo da vida. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 177-197, jan./abr. 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt Bauman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

DUBAR, Claude. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

JOSSO, Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

NÓVOA, António. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: Educa, 2002.

PINEAU, Gaston. **Temporalidades na formação**. São Paulo: Triom, 2004.

PINEAU, Gaston. A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação. *In*: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). **O método (Auto) biográfico e a formação**. Lisboa. Ministério da Saúde, 1988.

RICOEUR , Paul. **Del texto a la acción. Ensayos de hermenêutica II**. Fondo de Cultura Económica, México, 2002.

RICOEUR , Paul. **Percorso do reconhecimento**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo I. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo III. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

Palavras-chave: Narrativa Autobiográfica. Identidade narrativa docente. Educação da mulher.